LM-0097

A Vida de Relação.

—

Não se encontra à venda, ~~porque~~ Tiraram-se poucas copias para ~~uso~~ particular do auctor e a censura previa religiosa e scientifica.

—

LM-0097

~~Prologo — 1.~~

Cap. I. 20) Sobre a vida de relação — 4.

" II. Sobre os orgãos correspondentes ao psychismo intellectual — 5.

" II. 4) Sobre a intima natureza das faculdades — 6

" III. 3) Sobre as differentes faculdades d'alma — 7.

" IV. 5) Como se chega ao conhecimento das faculdades d'alma — 9.

" V. 21) Sobre os orgãos da vida de relação — 10

" VI. 6) Sobre as faculdades vegetativas — 11.

" VII. 22) Sobre a vida de relação psychica e physiologica — 12.

" VIII. Sobre a natureza das paixões — 13.

" IX. 6) Sobre as faculdades vegetativas — 14.

" X. 7) Sobre as faculdades sensitivas — 15

" XI. 8) Passagem do acto sensitivo para o cognitivo — 15.

" XII. 9) Sobre as faculdades intellectuaes — 17.

" XIII. 1) Sobre a alma humana — 18.

" XIV. 2) Sobre a natureza d'alma — 22.

" XX. 10) Sobre os fenomenos q. se dão no homem — 24.

" XXI. 11) Sobre as faculdades superiores — 25.

" XXII. 12) Sobre a consciencia — 25.

" XXIII. 13) Sobre a ideiação e o juizo — 26

" XXIV. 13) Sobre a ideiação — 27.

" XXV. 14) Sobre o raciocinio — 28.

" XXVI. 15) Sobre a razão — 28.

" XXVII. 16) Sobre a vontade — 30

" XXVIII. 17) Sobre as causas q. movem a vontade — 31.

" XXIX Sobre 18) a liberdade e o livre arbitrio — 32.

" XXX. 19) Sobre a genesis da consciencia — 33.

" XXXI. 19) Sobre a economia da vida animal — 34

" XXXII 23) Sobre a natureza da percepção — 30.

" XXXIII. 26) Sobre as imagens e sensações — 31.

" XXXIV. 25) Natureza da percepção — 32.

" XXXV. 23) Percepção externa — 33.

" XXXVI. 24) Sobre a percepção e a estimativa — 35.

" XXXVII. 28) Sobre a genesis das ideias e da apetitão psychica — 43

" XXXVIII. 29) Sobre o senso commum — 37.

" XXXIX. Passagem dos conhecimentos sensitivos para os intellectuaes — 38

" XXXX. A percepção e a imaginação — 39

" XXXXI. 12) Sobre a sensação e a consciencia sensitiva — 40

" XXXXII. 12) Sobre a consciencia sensitiva e a intellectual — 41.

" XXXXIII. 12) Sobre a consciencia habitual e actual — 42.

" XXXXIV. 30) Sobre a memoria e a imaginação — 43.

" XXXXV. 31) Distincção entre a memoria, a imaginação e os centros nervosos — 44.

" XXXXVI. 32) A memoria, o instincto e a estimativa — 48.

[illegible] ... ideogenesis — 50.

[illegible] ... automatismo — 52.

[illegible] ... appetite sensitivo — 55.

[illegible] ... faculdades locomotoras — 57

XXXXX - Differença entre a intelligencia dos Animaes — 57
XXXXXI: Sobre as habitas de faculdade d'alma — 67

Prologo.

A' intima connexão e mutua commu-
nicação que existe entre o homem animal
e o homem racional, dá-se o nome
de vida de relação psychologica, para
distinguil-a da que existe entre os orgãos
que se referem a vida vegetativa ou
organica, que é conhecida com o nome
de vida physiologica, a qual funcciona
independentemente da vontade; muito em-
bora sobre ella, indirectamente possa
~~agir~~. (influir)

Os phenomenos que se referem ao
psychismo intellectual; isto é, ao
homem racional, dão-se me-
diante uma operação reflexa;
e os que se referem ao psychismo
animal; isto é, ao homem animal,
realisam-se mediante uma operação
objectiva, a qual dá-se o nome
de hyperphysica, porque estas
operações revelam uma especie de
juizo rudimentar.

O psychismo intellectual apprehende
o immaterial; e o psychismo
animal, o material; cujos productos (percepções)
servem de fundamento para a elabo-
ração tão mysteriosa dos productos
do psychismo intellectual.

Os meios dos quaes a alma se serve
para attingir aos seus objectivos,
são as suas potencias ou faculdades.

Capitulo 1. Sobre as faculdades d'alma.

Faculdades ou qualidades, em geral,
é tudo aquillo que é capaz de com-
pletar e aperfeiçoar a substancia
com relação a sua existencia 3
e modo de operar.

Assim, são qualidades que completam
e aperfeiçoam a substancia, com
[illegible] á sua maneira de ser, - a
[illegible] a forma material dos
[illegible]; as qualidades permanentes

ou transitorias que affectam os sentidos;
e por ultimo, o que resulta da harmo-
nia entre as partes que compoem um
corpo; como o bello, o esthetico e o
harmonioso.

São qualidades que completam e aper-
feiçoam a substancia quanto ao
seu modo de operar, as potencias ou
faculdades d'alma, as quaes constituem
o proximo principio ou ponto de par-
tida de alguns operações d'alma,
e são inherentes a sua natureza ~~por~~ que
dimanam da sua essencia.

Entre estas faculdades ha algumas que
são activas, porque actuam sobre ~~os~~
seus objectos correspondentes; e ha outras
que são passivas; porque, recebendo
a acção, reagem.

Estas faculdades, tanto em si como
~~nos~~ (nos) orgãos correspondentes, podem
adquirir uma notavel facili-
dade e promptidão para exercerem
os seus actos, seja para o bem ou
para o mal, (sob o imperio da
razão bem ordenada ou mal or-
denada.) É o habito, o qual diffe-
re da faculdade, visto ser uma
qualidade addicional que lhe con-
fere a facilidade e promptidão para
que possam exercer as suas opera-
ções (mediante ~~os~~ actos repetidos).

O habito, segundo a sua origem,
pode ser natural, adquirido ou
sobrenatural (ou infuso); segundo
que nasce com a pessoa; São os
actos pelos quaes adquirimos os
conhecimentos dos primeiros prin-
cipios; ou chegamos a adquiril-os
pelos actos repetidos e o exercicio
dos orgãos correspondentes; ou por
... segundo que vem os nossos
..., mas unicamente por ~~uma~~

acção divina, os adquirimos. Como
o dom das linguas, que em parte, po-
deriamos adquirir naturalmente. Diga-se o mesmo
com relação ás outras ~~sciencias~~ contemporaneas
divinas e humanas.

Capitulo II Sobre o numero das fa-
culdades humanas.

O numero das faculdades d'alma deduz-se
das suas operações e dos seus objectos
correspondentes. São cinco e estas
cinco subdividem-se em tantas
outras, como passamos a expor.
As cinco primeiras são: A vegetativa,
a sensitiva, a intellectiva, a appeti-
tiva e a locomotiva.
A vegetativa divide-se em nu-
tritiva, augmentativa e generativa.

A sensitiva, em visual, auditiva,
gustativa, olfactiva, tactil e
nos quatro sentidos interiores
da consciencia sensitiva,
da imaginação ou phantasia,
da estimativa ou cogitativa e
da memoria sensitiva.
A intellectual, em intellecto
apprehensivo e judicativo.
E, finalmente, o appetite sen-
sitivo e intellectual ou
vontade.
A attenção, a reflexão, o juizo,
o raciocinio, e a abstracção,
etc., são mais antes estados ou
phases da intelligencia, como
a memoria intellectual, que 5
~~tomam~~ toma varios nomes
de accordo com as operações
que ella a intelligencia exerce.

Capitulo [II] Sobre a vida de relação.

A intima connexão e mutua com-
municação entre o psychismo intelle-
ctual e o animal, dá-se o nome
de vida de relação intellectual ou
animal, como já ~~vimos~~. vemos.

Os orgãos da vida de relação são
~~constituidos~~ pelo encephalo ou pelo
systema cerebro-espinhal, no qual
~~residem~~ estam os orgãos correspondentes ás
faculdades sensitivas e intellectuaes.
Os orgãos que correspondem ás fa-
culdades ~~intellectuaes~~ psychicas é o cerebro; e
o que corresponde ás faculdades sen-
sitivas são os representados pelos
os sentidos tanto internos como
externos.

Os phenomenos da vida de relação
(psychologica), se manifestam
por movimentos voluntarios e
involuntarios, isto é, instinctivos
e independentes da vontade, ainda
que sobre elles ella possa exercer
a sua acção indirectamente.
Quando os orgãos da vida de relação
tanto os que pertencem ao psychis-
mo intellectual como ao do psy-
chismo animal, deixam de funccio-
nar ou não funccionam regular-
mente, a vida de relação torna-se
impossivel ou manifesta-se
mais ou menos profundamente
alterada, dando origem a disturbios
e perturbações que (figuradamente) cos-
tumam-se attribuir ás faculdades
correspondentes, ainda que estes distur-
bios sejam occasionados pelas per-
turbações de seus orgãos respectivos.

(Pelo que achamos serem mais
adequadas as palavras disturbios ou
perturbações da alma e de suas fa-
culdades, do que as expressões doenças
[illegible] ou das suas faculdades, na
[illegible] material; pois, nos figuramos
[illegible] que a alma tambem tem
[illegible] doenças e pode morrer muitas
[illegible] por ellas)

Capitulo IV Sobre o orgão correspondente ao psychismo intellectual.

O orgão immediato do psychismo intellectual, é a imaginação; porquanto, é, voltando-se para os phantasmas ou representações da imaginação, que a alma tem conhecimento do que se passa no mundo exterior e no interior do seu corpo, ~~pelos~~ [em consequencia dos] dados fornecidos pelo psychismo animal, cujas sensações ou percepções, atravez das phantasmas da imaginação, são como que transformados em idéias ou conceitos.

Dizemos que são ~~bem~~ como que transformados, porque propriamente fallando, não se dá nenhuma transformação da percepção material em percepção mental; ~~porque~~ [pois] o que a alma apprehende voltando-se para os phantasmas da imaginação é ~~como ella~~ immaterial, como são as idéias ou os conceitos.

Capitulo V Sobre os orgãos correspondentes ao psychismo animal.

Os orgãos que correspondem ao psychismo animal, são os que se referem á vida sensitiva, os quaes são constituidos pelos que dizem respeito ao senso commum ou consciencia sensitiva, e aos sentidos tanto externos como internos.

Todos estes orgãos vitalisados pela mesma alma, na qual residem as faculdades tanto intellectuaes, ~~como~~ [as] sensitivas e vegetativas, constituem os elementos imprescindivel da vida de relação psychologica. 7

Capitulo VI. Sobre a intima natureza das faculdades.

As faculdades d'alma constituem o proximo principio das suas operações; e segundo S. Thomaz, a alma, em geral, é o primeiro principio da vida, porque é aquillo pelo que alguma cousa vive. Ora, o principio pelo qual o homem vive e do qual, (por conseguinte,) todas as acções dimanam, é a essencia ou natureza d'alma humana. Esta essencia (se manifesta mediante certas qualidades ou virtudes que lhe são inherentes. E a estas qualidades da-se o nome de faculdades ou potencias d'alma), as quaes represen-tam o principio proximo de suas operações, constituidas e ordinadas para um certo e determinado fim.

As qualidades ou faculdades d'alma differem das accidentaes, como a figura e a forma externa das cousas, as qualidades sensiveis e as corporaes, como acima dissemos, porque estas se referem ao modo de ser da sub-stancia, e as faculdades d'alma se referem as suas operações ou ao seu modo de operar.

Differe tambem do habito que é uma qualidade estavel por sua natureza, destinado a auxiliar e tornar mais facil o exercicio das faculdades d'alma, como a sciencia e a virtude.

Por ultimo diremos: 1º que esse esforço ou pendor inherente a todas as faculdades d'alma, (quanto maior) tanto mais perfeitos serão os seus effeitos ou as acções da faculdade respectiva; e quanto mais vehemente, tanto mais fra-cos serão os seus effeitos ou ma-[...]tações. Assim, no 1º caso, [...] mais esforço se faz para

conhecer alguma cousa, tanto mais perfeito será o conhecimento. E no 2º caso, porque quando, por exemplo, se fixamos toda nossa attenção visual n'um dado objecto, as outras faculdades permanecem como que tolhidas de sua energia.

Capitulo VII. Sobre as differentes faculdades d'alma.

As faculdades d'alma são especificamente differentes; porque constituindo a alma, o corpo, uma só substancia completa, devia haver necessariamente n'alma faculdades intellectivas e sensitivas; correspondentes a estas duas substancias, aliás o que o ser humano não poderia exercer as acções inherentes a sua natureza. Mas as acções intellectuaes differem das sensitivas pelos seus objectos e as suas operações; logo, as faculdades d'alma differem especificamente umas das outras. E não repugna que sendo a alma uma substancia espiritual, possua varias faculdades; porque a alma com relação as suas faculdades, não forma um todo material; senão simples, no qual residem as faculdades, como tantos instrumentos adequados, dos quaes a alma se serve de conformidade com as suas virtudes naturaes, as quaes dimanam de sua essencia, como a luz dimana do sol ou do foco luminoso.

Capitulo VIII. A alma não é o sujeito de todas as suas faculdades.

Comquanto a essencia d'alma humana, seja o principio ou

a raiz de todas as suas operações; todavia ella não é o ~~sq~~ sujeito de todas as suas potencias ou faculdades; porque, entre as faculdades das quaes ella é dotada a alma humana, ha algumas como a intelligencia e a vontade, as quaes podem ser exercidas sem o auxilio dos orgãos do corpo, e ha outras que, sem este auxilio, não poderião exercer-se.

Não obstante isto, como dissemos, o principio ou raiz de todas as faculdades d'alma é constituido pela sua essencia; porque não ha duvida que tudo quanto de alguma forma pode affectal-a, dimana da sua essencia ou natureza; ora, o mesmo podemos dizer com relação a tudo que é capaz de operar o composto humano, que resulta da união substancial da alma com o corpo. Porque o corpo humano, vitalisado pel'alma, ~~nesse~~ é o sujeito das faculdades que a alma exerce pelos orgãos corporeos; não já enquanto é corpo, senão porque elle é informado pel'alma. Quer isto dizer, que o corpo, não por si, como tal, senão pela essencia ou natureza d'alma, é o sujeito de algumas faculdades. 10

Ora, se o corpo pode ser o sujeito de algumas faculdades que tem por objecto todo o composto humano, ellas dimanam necessariamente da essencia d'alma, assim como a luz dimana do foco de luz que a produz.

9

Capitulo VIII Como se chega ao conheci-
mento das faculdades d'alma.

Chegamos ao conhecimento das facul-
dades d'alma, pelas suas operações e
pelos seus objectos correspondentes; porque
pelos conhecimentos preadquiridos, de-
duzimos outros conhecimentos.
Ora, as causas objectivas conhecidas,
constituem o objecto de conhecimen-
tos preadquiridos, e por tanto, o das
faculdades; e estes objectos represen-
tam o principio pelo qual as ac-
ções se tornam conhecidas; e
as acções constituem o principio
pelo qual as faculdades conhecem;
pois, os objectos são por nós re-
conhecidos, porque a nossa
mente primariamente e directa-
mente apprehende o objecto e
em seguida, reflectindo sobre si,
percebe a acção do objecto
apprehendido.
Em segundo logar, porque as acções
são por nós reconhecidas antes
das faculdades; porque segundo
a nossa natureza, procedemos
dos effeitos para o conhecimento
das causas que o produziram; isto
é, para as operações d'alma que
constituem os effeitos das facul-
dades que nos levam natural-
mente ao conhecimento das fa-
culdades d'alma.

Capitulo IX Como se distinguem
as faculdades umas das outras.

Já dissemos alguma causa sobre 11
este assumpto e agora accrescenta-
remos que a distincção especifica
das faculdades se deduzem dos objectos
não de um modo material; isto é,
em quanto são causas materiaes mas
segundo a sua natureza, mas
formalmente; isto é, segundo

aquella razão ou motivo que por ventura pode influir sobre as faculdades. E' devido ao que acabamos de dizer que o branco e o preto, apezar de serem contrarios materialmente; todavia, formalmente, se referem a uma mesma faculdade; isto é, á da visão.

O animal, guiado pelo proprio instincto, percebe o que lhe é util e nocivo, e é por este motivo que elle tende ou repelle o objecto que o produziu.

O ser humano, porem, não se deixa levar, como o animal, só pelo ~~x~~ instincto, porque, alem do conhecimento objectivo, elle possue um conhecimento reflectido, em virtude da qual ~~xxx~~ julga sobre a conveniencia ou desconveniencia daquillo mesmo que, o instincto animal lhe suggeriu, muitas vezes contrario aos dictames da razão.

E é aqui que começa a vida de relação intellectual, em que a vontade, depois de uma previa consulta com a razão, resolve sobre a liceidade das ideias e tendencias ~~que~~ suggeridas pelo appetite sensitivo.

Disposição admiravel da Providencia, em virtude da qual o homem elevando-se sobre si mesmo pela identificação da sua vontade com a vontade divina, se-lhe-ha possivel, pela caridade perfeita, attingir aquelle grau de perfeição que delle exige J. Christo, quando nol-o diz sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste.

Sobre os orgãos da vida de relação.

O systema nervoso preside aos phenomenos da vida ~~de relação~~ sensitiva e appetitiva; o muscular e o osseo, áo da vida de locomoção.

~~Mas~~ Em rigor, porém, somente o systema nervoso central e o peripherico, ~~constituem~~ representam os dous factores da vida de relação psychica.

Os centros nervosos representam é o termo para onde convergem todas as impressões recebidas pelos nervos centripetos. É n'estes centros que se effectuam as transformações mysteriosas das impressões periphericas em sensações e as das sensações em percepções.

Pelo que deduzimos que os phenomenos da vida de relação, são acompanhados de uma dupla excitação, isto é, a dos orgãos periphericos, produzidas pelos seus objectos correspondentes, e a dos orgãos centraes.

Tanto a primeira como a segunda excitação, produzem um movimento vibratorio que se propaga atravez dos nervos.

A primeira, atravez dos nervos sensitivos, é com velocidade maior do que a que se transmitte atravez dos nervos motores, que conduzem as ~~reacções~~ dos centros nervosos, provoca~~das~~ pelos movimentos que a elles chegaram atravez dos nervos centripetos.

Ora, todos estes phenomenos que formam a base da vida psychica, se realisam, sem que nem a vontade nem a intelligencia tomem parte: porquanto elles tambem se verificam nos seres irracionaes.

Capitulo   Sobre a vida de relação psychica e physiologica.

Conquanto as operações da vida de relação psychica e physiologica, constituam duas categorias de phenomenos differentes; com tudo ha entre elles tão intima relação, que se delles prescindirmos, muitos factos permanecerão sem explicação. Porque assim como o psychismo ~~inferior~~ animal e o ~~superior~~ intellectivo influem sobre os phenomenos physiologicos; assim tambem, estes ultimos, influem, por sua vez, sobre estes dous psychismos. Porquanto, se as percepções objectivas e subjectivas, podem provocar phenomenos reflexos physiologicos; assim tambem, estes ultimos, são capazes de provocarem phenomenos reflexos psychologicos. E é por este motivo que quando se vê alguem chupar um limão azedo, sente-se logo vir agua a bocca. E é tambem por este motivo que quando sentimos frio, pensamos nos meios mais adequados para nos agasalharmos e os procuramos. E é nesta mutua influencia que tem os phenomenos physiologicos sobre os psychologicos e vice-versa, que encontramos a explicação para muitos factos que se dam e que, não raras vezes, se apresentam como que envolvidos em um véo mysterioso e apparentemente impenetravel.

Assim é que se prescindimos da alma humana, os phenomenos que se referem á vida organica e aos da vida do psychismo superior e inferior, permanecerão sem a sua adequada explicação.

E' verdade que ha quem ignorando as noções de existencia e subsistencia, e tantas outras verdades comesinhas, as quaes não se podem negar sem ir de encontro ao bom senso, avançam idéas e theorias inteiramente gratuitas, no intuito de supplantar as theorias espiritualistas sobre a natureza da alma humana, attribuindo á mesma materia, o que ella é incapaz de produzir. Pois se a materia, só por si, podesse determinar-se, ou não seria mais materia, e caso o fosse, teriamos necessariamente de admittir, como admittimos, que ha na materia, alguma cousa que não é materia, mas que, unida substancialmente á materia, constitue a causa de todos esses phenomenos que observamos tanto no homem como no animal e no vegetal.

Os substancias do homem, e do vegetal, e do animal, o vegetal, são constituidos de materia, ainda que com varias formas. E a prova mais evidente que temos, é que, mortos esses seres, a materia organisada se resolve em seus elementos mais simples, voltando a fazer parte da materia primitiva, d'onde elles sahiram, quando o embryão sob o poder de um principio vitalisante assimilou os elementos necessarios á sua estructura, conservação e transmissão.

Sobre a natureza das paixões.

As paixões, em rigor, não se podem attri-
buir ás faculdades intellectuaes; porque a
paixão presuppõe um orgão capaz de ser
attingido pelo seu objecto correspondente,
cujas modificações constitue um soffrimento
sensivel ao qual damos o nome de paixão.
Ora, sendo a paixão uma affecção não da
alma senão do corpo, só em um sentido
figurado costuma-se attribuil-as ao
~~alma~~ psychismo superior, seguido
do qualificativo affectiva ou usando-
se das expressões de affecção passional;
isto é, de affecção que faz soffrer mo-
ralmente; porque os ~~nosso~~ soffrimentos
de nosso corpo redundão ~~em~~ nossa
alma, assim como os de nossa al-
ma podem reflectir em nosso physico,
pela intima união que existe entre
o ~~nosso~~ corpo e a ~~nossa~~ alma.
Fallando-se de seres espirituaes, costuma-
se tambem attribuir a elles as paixões,
por analogia quanto aos effeitos e
não quanto a causa efficiente que
nelles não existem; isto é, as impressões
ou modificações dos orgãos sensitivos.
As paixões, portanto, pelo facto de
~~constituirem~~ serem uma modificação
ou affecção material do appetite
sensitivo, só poderão designar os
movimentos affectivos do appetite
intellectual, em quanto que podem
influencial-o moralmente.
Mas se quizermos fallar com rigor
de termos, não é propriamente a
paixão ou o soffrimento material
mas sim as circumstancias que
o acompanham ou o rodeiam
que tem influencia sobre o
psychismo superior, as quaes muitas
vezes nos faz esquecer a dor physica,
ante a intensidade da dor moral, provo-
cada pela paixão.

Capítulo Sobre as faculdades vegetativas.

A faculdade vegetativa é o principio em virtude do qual o corpo animado pela alma, se nutre, cresce e se propaga; a qual como vimos se reduz a faculdade nutritiva, augmentativa e generativa.

A faculdade nutritiva é aquella força assimiladora pela qual o ser vivente, converte os alimentos em sua propria substancia.

Esta faculdade está intimamente unida a faculdade augmentativa, a qual pelos alimentos assimilados, augmenta a quantidade da sua propria substancia.

A faculdade generativa é ~~aquella~~ a força, em virtude da qual o ser vivente produz outro ser semelhante a si ~~da mesma natureza~~ propria.

Pelo que a vida vegetativa é aquelle principio pelo qual a substancia se nutre a si propria, cresce e se propaga.

Estas operações vitaes do homem, não são racionaes, senão naturaes, porquanto não ha nellas, nada absolutamente que possa transpor um conhecimento. Porquanto ainda que a alma que informa o corpo humano seja uma alma racional; todavia ella não communica o seu ser ao corpo, enquanto f. é racional; mas o seu consentaneo a natureza vegetal, que ella em si possue; porque é nella que reside o primeiro principio da vida vegetativa, animal e intellectiva, em virtude do qual o homem vegeta, sente e entende. São por conseguinte qualidades ou faculdades que dimanão da sua essencia e sua natureza.

Capitulo — Sobre as faculdades sensitivas.

São aquellas faculdades [que] da alma, unida ao corpo substancialmente, percebe as cousas materiaes.
Estas faculdades são representadas pelos sentidos externos e internos; isto é, pelos cinco sentidos exteriores e os internos (a saber) pelo senso-commum, pela imaginação, pela estimativa, pela memoria sensitiva e a reminiscencia.
A' estas faculdades correspondem tantos orgãos, orgãos como tantos instrumentos de que a alma se serve para exercer as suas operações sensitivas (ou sensiveis).
Os orgãos internos residem nas partes internas do corpo; e os externos nas diversas partes exteriores do corpo.
O objecto sensivel é tudo aquillo que pode de alguma forma affectar estes orgãos directa ou indirectamente.
E a alma pelos sentidos percebe não só as qualidades sensiveis, mas ainda a (propria) substancia.

Capitulo — Origem do acto sensitivo para o [illegible].

Os conhecimentos sensitivos são produzidos pelas especies sensiveis ou imagens representativas das cousas sensiveis. Estas especies provêm dos mesmos objectos, não só, porem, como alguma cousa substancial ou accidental que dimane do objecto, mas pela acção dos objectos sensiveis na alma, porque as especies não constituem nenhuma cousa de substancial ou accidental que destaque-se do objecto e penetre na alma.
Pelo q., ~~alma~~, para que se possa operar o conhecimento (de alguma cousa material), é necessario q., alem da acção feita as especies emittida pelos seus objectos correspondentes, que se dê o sentido affectado pela especie, reaja; 2º que pela

sua forma, convertida em cousa representada pela especie. Porquanto o objecto que se percebe pelos sentidos não é a especie, senão a cousa cujas especies constituem a sua semelhança. ~~Porquanto~~ Pois a especie não é o termo, ao qual o conhecimento se refere, mas unicamente o principio, ao qual o conhecimento se refere, em virtude do qual, o sentido é determinado a perceber a cousa pela especie representada.

A especie, ou forma material-sensivel das cousas, está representada segundo o seu ser real ou modo de ser real (entitative); na alma porem, segundo um ser representativo (intentionaliter). Porq. como diz S. Thomaz, a forma pela qual se percebe é posta, não sendo a idéa, mas tem certamente a sua imagem ou semelhança.

As especies sensiveis são immateriaes, porq. se assim não fora, não poderia a alma experimentar o que impressiona os sentidos, porq. só (é) immaterial e capaz de a affectar. Conseguintemente a alma apprehende as cousas sensiveis pela especie; todavia ella apprehende-a immediatamente, isto é, em si mesma, porq. vem a conformar-se; p. tudo a sensação é objectiva. Porque a natureza da percepção objectiva consiste em que o objecto sensivel, immediatamente em si proprio, ~~se affecta~~ percebe-se.

Os orgãos correspondentes á vida sensitiva é o encephalo, isto é, o ~~centro~~ systema cerebro-espinal, o qual está ligado pelo systema nervoso centripeto e centrifugo aos diversos externos e internos. E o sensorio commum ou sensus communis, o qual constitue como a raiz de todos os orgãos correspondentes á vida sensitiva.

É a faculdade pela qual percebemos as cousas intelligiveis, isto é, immateriaes. Porquanto no que se refere ao conhecimento intellectual, ~~elle~~ o processo differe muito do que adquirimos do conhecimento sensivel; porquanto [porque] ainda q. se chegue a este conhecimento mediante a especie sensivel, que é immaterial, todavia o objecto representado pela especie é alguma cousa de material; no conhecimento, porem, intellectual, as cousas são representadas, pelo que ha nellas de immaterial, isto é, de intelligivel. Pois a razão da intelligibilidade está fundamentada na immaterialidade. Porquanto a intelligencia é uma faculdade inorganica.

Não obstante isto, as cousas materiaes, por si; ou por outra, emquanto que são materiaes, não podem ser pela intelligencia attingidas, sem o concurso das faculdades sensitivas.

Eis porque dissemos que emquanto a alma estiver unida ao corpo, a intelligencia na acquisição dos seus conhecimentos, depende de alguma maneira do corpo por ella informado.

A immaterialidade das cousas que se refere a intelligencia, não é uma immaterialidade pura e absoluta, mas sim a immaterialidade da essencia das cousas, que existe na materia e que a intelligencia afirma mediante o phantasma da imaginação que devido a não se compor de partes, isto é, devido a ser alguma cousa de simples, é immaterial.

Ora, estes phantasmas da imaginação se revelão mediante as especies intelligiveis, as quaes nos fazem conhecer o q. ha de immaterial na materia, e que constitue as nossas idéas ou conceitos das cousas apprehendidas mediante apreensão mental.

Capitulo I Sobre a alma.

A alma ~~humana~~ é o primeiro principio da vida e actividade do ser humano. Porquanto é, em virtude deste primeiro principio, que o homem vive, sente, entende e se determina. E a sua acção é sempre efficaz emquanto o corpo e as suas partes componentes funccionam normalmente. Porque muito embora o corpo e seus orgãos sejam dotados de aptidões naturaes proprias á cada um delles; com tudo, estas aptidões não podem passar da potencia ao acto, sem a acção da alma, que é o primeiro principio; assim como as qualidades inherentes a estes orgãos, ~~constituem~~ são o segundo principio das operações vitaes.

A vida, pois, que se manifesta em suas operações, não reside nos orgãos, mas na alma que lhes communica diretamente, visto ella estar substancialmente unida ao seu corpo e a cada uma de suas partes.

Assim é que, a distincção que fazemos entre o homem animal e racional, é puramente subjectiva, porque não existem no homem dous homens, mas um só, que resulta da união substancial da alma com o corpo, e, em virtude da qual, o homem vive, sente, entende, quer e se emociona, ainda que, em suas operações, tenha por sujeito a alma ou o corpo.

Daqui deduzimos que a essencia da alma consiste em que ella é ~~a~~ um principio intellectivo e ao mesmo tempo, a forma substancial do corpo, em virtude da qual, elle cresce, evolue, sente, se conserva e se reproduz.

A alma do bruto, como a do vegetal, desapparecem ao morrerem; porque, apesar de serem substancias simples, não são espirituaes como é a alma humana, que ainda, quando separada do seu corpo, pode continuar a viver; pois, a vida de que desfructava o seu corpo, dependia da sua união substancial com a alma respectiva. Não acontece assim com a vida que as almas, do animal e do vegetal, lhes ~~commun~~icam; porque a alma tanto do animal como do vegetal, são materiaes, e por conseguinte pereciveis.

Não obstante isto, as almas destes seres são tão necessarias para que elles vivam e exerção as suas funcções organicas, que sem ellas, tanto o animal como o vegetal deixarão de existir.

Sem o que, como poderíamos explicar que em poucos metros de terra perfeitamente identica, semeada com differentes sementes, obtem-se plantas tão variaveis e differentes, na forma, no tamanho, nas folhas, nas flores, nos fructos, nos aromas e paladares?..

A alma, portanto, é o artista que de um mesmo bloco de marmore, tira, pela sua força de intelligencia e inspiração que lhe é peculiar, tantos objectos de arte differentes e admiraveis pela sua estructura, forma e belleza.

Ha, porem, entre elle e a alma, uma differença muito notavel, e vem a ser que o artista pode imprimir no marmore novas formas; porem não pode mudar a substancia do marmore, e a alma, alem de imprimir novas formas na materia

ella a transforma em carne, osso e sangue; em lenho, tronco, ramos, fibras, folhas, flores e fructos.

E' preciso, portanto, querer fechar os olhos ante a luz, ou ser muito myope e de uma myopia affectada que tem seus fundamentos em uma sciencia nebulosa, inspirada pelo orgulho e o desejo da notoriedade, para affirmar o contrario.

E na verdade, já que sois tão sabios, fazei que uma figueira produza pecegos, ou vice versa, e acreditaremos em vossas supportas theorias.

Respondereis que ainda não possuis essa força organisadora necessaria para taes effeitos e transformações.

Logo, confessaes que se torna necessaria uma força anímica...

Calai-vos, porque as vossas theorias para nós se parecem mais a ataques de insania intellectual do que a productos de uma organisação sadia e de um cerebro bem equilibrado.

Natureza d'alma
Operações d'alma
~~Cap. III. Sobre as faculdades d'alma~~

Como vimos, a alma é dotada de varias faculdades, das quaes se serve para exercer o seu poder e actividade. E conquanto estas faculdades dimanem de sua essencia; todavia ellas não representam a sua essencia, embora a manifestem.

Ora, pertence á essencia da alma, entre outras faculdades, não só entender, querer, mas ainda sentir: pois, é a alma que em nós sente e entende, de conformidade com as suas respectivas faculdades, as quaes são por natureza irreductiveis. Assim ella entende pela intelligencia, quer e se determina pela vontade e sente mediante os orgãos sensitivos. Em todo caso, é sempre a alma que com o concurso ou sem o concurso dos sentidos, exerce o seu poder e actividade.

Não obstante isto, a alma, só por si, não poderia ser o sujeito de todas as suas operações; porque se existem na alma faculdades que podem ser exercidas sem o concurso dos orgãos sensitivos; ha outras, que sem o concurso destes orgãos, não as poderia exercer.

E' uma consequencia da união substancial da alma com o corpo, em virtude da qual, tudo quanto é capaz de affectar a alma, e por conseguinte as suas faculdades, revela a sua essencia, que segundo S. Agostinho, é uma substancia racional, destinada a reger o corpo, a qual se manifesta pelas faculdades sensitivas e intellectuaes.

Daqui deduzimos que sentir, conhecer, ajuizar e determinar-se, são os principaes factores da psychologia e por conseguinte, da vida de relação. Porque, á estes factores correspondem as faculdades ou o poder que o individuo tem de praticar conscientemente e livremente certos actos e de experimentar certas modificações ou movimentos correspondentes a estas faculdades.

E eis ahi, em ultima analyse, a que se reduz a psychologia e, portanto, a vida de relação entre as faculdades superiores e inferiores; ou por outra, entre o psychismo superior ou intellectual e o inferior ou sensitivo.

O primeiro se refere ao abstracto e universal; isto é, ao immaterial; e o segundo, ao particular e concreto; isto é, ao material.

Cap. III Sobre as operações que se dão no homem.

Todas as operações que se verificam no composto humano, podemos reduzil-as a duas especies: ás sensitivas e intellectuaes, segundo que são exercidas com o concurso ou sem o concurso dos sentidos.

Ás primeiras dá-se o nome de percepções externas, e ás segundas, de percepções internas (mentaes). O objecto da percepção interna, só existe no pensamento, e é por isto que ella não é differente do acto de perceber. Pelo contrario, o objecto da percepção externa, é differente do acto de perceber, porque o seu objecto existe realmente fora do pensamento.

Assim é que se a percepção interna errar, é porque antes de affirmar ou negar alguma cousa o individuo, não reflectiu ou porque se deixou levar pelas apparencias ou a imaginação. Mas se a percepção externa errar, é porque os orgãos correspondentes não funccionavam normalmente, ou porque o meio não era adequado.

Pelo que, é necessario que antes de affirmarmos ou negarmos alguma cousa, se reflecta e que, tratando-se da percepção externa, se verifique se não somos victimas de uma illusão ou allucinação do momento. Isto quando nos achamos em estado de podermos raciocinar o que se passa, porque nos estados anormaes, doentios, passageiros ou momentaneos, ser-nos-ha impossivel julgar sobre as nossas percepções internas ou externas; como succede quando nos achamos sob a acção de uma paixão violenta ou em um estado em que se torna impossivel o uso da razão, como acontece com os embriagados ou os febricitantes. 27

Cap. Sobre as faculdades superiores.

Sobre a intelligencia.

E' a faculdade que tem por objecto o immaterial e universal.
Para que a intelligencia possa exercer as suas operações sobre as cousas materiaes directamente com relação ao que os objectos apresentam de immaterial, é necessario que ella se sirva dos orgãos que se referem a vida sensitiva, pelo que se elles não funccionarem ou funccionarem irregularmente, é impossivel que ella possa exercer a sua actividade. Porque, é voltando-se para os phantasmas da imaginação que ella apprehende mentalmente os seus objectos correspondentes, que não são nem os objectos, nem a imagem dos objectos, mas a idéia ou o conceito dos mesmos.

Cap. Sobre a consciencia

E' a faculdade pela qual adquirimos conhecimentos tanto sensitivos como intellectuaes.
A primeira da-se o nome de consciencia sensitiva e a segunda, (da-se o nome) de consciencia propriamente dicta ou intellectual.
A primeira tambem se denomina passiva; a segunda somente os seus raciocinios; porque esta é reflectida, emquanto que a outra, é puramente objectiva, ainda que pressupponha uma especie de juizo rudimental ou apprehensiva ou [illegible].
A consciencia intellectual pode ser habitual ou actual. A habitual é a disposição que a alma

tem de estar sempre presente a si propria e de perceber toda e qualquer modificação que se opera no composto humano.

A consciencia actual é o conhecimento de um estado que no momento pratique essa modificação ou movimento, seja que ele tenha por sujeito a mesma alma ou o corpo informado pela sua acção ou presença habitual.

Cap. Sobre a ideação e o juizo.

É a faculdade que a alma tem de formar idéias pela apprehensão mental.

Differe do juizo, porque o juizo resulta da comparação feita pela intelligencia das idéias formadas pela apprehensão mental, entre duas cousas, de cuja identidade ou não identidade, ella affirma ou nega alguma cousa.

De forma q. a essencia do juizo, não está na comparação, senão na affirmação ou negação. Porquanto se estivesse na comparação, em qual fallando, poderiamos affirmar que os animaes julgam, porque elles tambem comparam as percepções presentes com as preadquiridas. E é devido a esta comparação, que affirmamos, como acima dissemos, que ha nelles uma especie de juizo rudimentar objectivo.

continuar

Cap. Sobre a ideiação. XIV

~~Espirito e o raciocinio~~ 27 (1)

A operação que tem por fim transformar as impressões externas em representações mentaes, dá-se o nome de ideiação e aos seus resultados os nomes de idéia, conceitos ou noções. A representação mental ou a idéia, não affirma nem nega cousa alguma; pelo q. quando affirmamos ou negamos alguma cousa, não ~~idea representamos simplesmente~~ exteriorisamos simplesmente uma idéia ou conceito; porém, além disto fazemos um juizo ou ajuizamos, isto é, comparamos as idéias entre si ou com as preadquiridas.

Differe o juizo do raciocinio, porq. quando raciocinamos não comparamos as idéias entre si como no juizo, mas sim com uma terceira idéia, de cuja comparação deduzimos a conveniencia ou desconveniencia entre estas idéias comparando com uma terceira.

Assim é que se para a ideiação é necessaria a percepção mental, para a percepção objectiva, é necessaria a sensação e por conseguinte que tanto o psychismo superior ~~pois~~ como o inferior, possam conscientizar o que se passa. Dahi a distincção da consciencia intellectual e sensitiva.

A primeira, tanto no homem como no animal, é necessaria á vida de relação hyperpsychica ou sensitiva, a segunda torna-se tambem, necessaria á vida de relação psychologica ou intellectual. Porquanto a alma não pode pensar bem ter idéias sem o realizar para os phenomenos: de imaginação, sem poder imaginar, sem pensar ou idealizar; /.

Pelo que deduzimos 1º que sem o funcciona-
mento dos orgãos referentes ~~ao psychis~~
as faculdades intellectuaes e sensitivas,
é impossivel q. os phenomenos que
caracterizão a vida de relação psychi-
ca ou psychologica se manifestem;
2º que se estes orgãos não funccio-
nam normalmente, tanto
a ideação como a sensação
e os seus productos, não con-
tribuirão a fiel representação
nem da percepção mental nem
da objectiva ou material.

Cap. Sobre as faculdades e os
seus orgãos correspondentes
a vida de relação ~~entre~~
do psychismo superior e
o inferior.

Os orgãos correspondentes a vida
de relação physiologica

A XV 28

cap. O Raciocinio.

E' a operação pela qual de dous juizos deduzimos um terceiro.

A differença entre o juizo e o raciocinio, consiste em que no juizo, percebemos a identidade ou ~~não idea~~ discrepancia entre duas idéias e no raciocinio, percebemos a identidade ou discrepancia entre duas idéias, comparando com uma terceira.

Ao par raciocinio dá-se tambem o nome de syllogismos.

cap. Sobre a razão.

A alma humana, emquanto seja uma substancia intellectual, todavia, emquanto estiver unida ao corpo, além da simples apprehensão mental, tem necessidade de para raciocinar da acção complexa do juizo e da acção ainda mais complexa do raciocinio. E é a esta dupla e complexa operação, a qual damos o nome de razão. Em todo caso, convem lembrar-nos que a intelligencia e a razão, não designam duas faculdades, mas uma só, que segundo as operações que exerce dá-se o nome de intelligencia ou de razão. Porque se a razão, fosse uma faculdade a parte, o seu objecto e o seu acto, não poderião ser reduzidos ao objecto e ao acto da intelligencia. Como de facto se reduzem ao objecto e ao acto da intelligencia.

E realmente o differente processo pelo qual a intelligencia e a razão reconhecem o verdadeiro, está em que a intelligencia o reconhece como 3d

directamente, isto é, intuitivamente; e a razão, mediante o raciocinio. A razão theorica é a que se refere á simples apprehensão do verdadeiro, e a pratica é a que vae além, baseada nos dados da razão theorica. Esta applica os principios universaes, e as suas operações engendram os juizos particulares, formando uma especie de syllogismo, ~~de um conjuncto, ao qual~~. cuja maior é o principio universal, a menor, é a apprehensão das propriedades particulares de algum objecto, no qual, mediante a cogitação, descobre alguma semelhança com o principio universal; e a conclusão, finalmente, é o juizo particular ao qual a intelligencia applica o principio universal, com o fim de reconhecer as suas propriedades particulares, reduzindo aquellas propriedades particulares ao principio universal. Não obstante isto, não devemos considerar estes dous estados ou modalidades da razão theorica e pratica como duas faculdades á parte; porque a differença que accidentalmente é applicavel ao objecto, não ~~constitue~~ representa uma faculdade differente daquella, a qual o objecto se refere.

Assim tambem a razão dita superior e inferior, não são duas faculdades differentes. Porque a razão ~~superior~~ inferior tem por objecto as causas contingentes, materiaes e temporaes; e a superior tem por objecto a essencia das causas, 32 as quaes são necessarias, immateriaes immutaveis e eternas. Vide S. a primeira considera as condições essenciaes e [illegible] materiaes e contingentes.

Capitulo   Sobre a vontade.

A vontade que tambem se chama appetite intellectual, para differencial-a do appetite sensitivo, é um pendor racional a um bem, como tal, apprehendido pela intelligencia.

O seu objecto é o bem absoluto e universal; isto é, considerado sob o aspecto universal; porquanto a vontade não se determina a este ou aquelle objecto em particular, como succede com o appetite sensitivo, tambem conhecido com o nome de vontade sensitiva, devido a esta tal qual analogia entre estas duas faculdades. E é por este motivo que affirmamos que a vontade tem por objecto o bem apprehendido pela intelligencia, assim como a vontade sensitiva tem por objecto o bem apprehendido pela estimativa.

Os actos voluntarios são os que caracterisão a vontade; isto é, os actos que procedem de um principio interno com conhecimento de causa e do fim a que se destina.

O voluntario oppõe-se ao não voluntario e ao involuntario.

O involuntario, não só não depende da vontade; mas além disto, repugna a mesma vontade.

O não voluntario é o que, conquanto a vontade não tenda a elle; todavia não o contraria, como são os actos pertencentes a vida vegetativa ou de nutrição, os quaes se dão independentemente do concurso da vontade.

A differença entre o voluntario

e o espontaneo é o que dimana da natureza do individuo. Elle procede de um principio interno, devido á um previo conhecimento com o qual se apprehende ~~o objecto~~ a relação que há entre o objecto e a acção que a elle se refere.

Capitulo — Sobre as causas que movem a vontade e a põem em actividade.

A vontade, como qualquer outra facul-dade, para passar da potencia ao acto, precisa que alguma causa a determine: E o que move a vontade com relação a especificação do acto, é o objecto apprehendido pela intelli=gencia e o que a determina a exercer o acto, pode proceder della mesma, depois de uma previa consulta com a intelligencia, ou de Deus. Ella pode tambem ser movida pelo appetite sensitivo, em alguns actos, da parte do objecto, emquanto que ella o apprehende como uma cousa boa ou conveniente. Disse em alguns actos, porque ha actos em que o appetite sensitivo não tem nenhuma parte; como succede com o sentimento da justiça, da verdade e outros actos congeneres. Dissemos por parte do objecto, porque o appetite sensitivo, pelo facto de ser uma faculdade inferior á da vontade, não pode directamente agir sobre ella.

Ha casos em que a vontade tende a um objecto, não como a seu fim; mas como um meio para attingir o seu fim.

Capitulo Sobre a liberdade e o livre arbitrio.

Liberdade é a faculdade que o homem tem de se determinar sem coacção moral ou physica.

O livre arbitrio é a faculdade que o homem tem de optar por esta ou aquella cousa livremente.

O homem com relação as cousas particulares, goza da liberdade de eleição ou indifferença; não succede assim com relação ao que é conveniente a sua natureza racional, porque elle tende aos seus objectos correspondentes por uma necessidade intrinseca, isto é, inherente a sua natureza racional. Pelo que sempre que elle abusar da sua liberdade, para tender as creaturas, afastando-se do seu fim ultimo, elle perde a sua liberdade; ainda que não quer se opponha a não ser a propria consciencia. Mas esta opposição da consciencia elle pode oppor-se como de facto se oppõe.

Pelo que a liberdade de praticar o bem ou o mal, não é necessaria a intima natureza do livre arbitrio; porque esta faculdade que o homem tem de praticar o mal, ella a não possue, porq. é mais antes um vicio da liberdade ou abuso; porque não pertence a essencia da liberdade, a qual por sua natureza só tenderia ao bem. Pelo que como bem reflecte S. Thomaz não constitue senão um signal da liberdade, assim como a doença, constitue um signal de vida.

semelhança dos nervos reflexos,
a realisar-se, se a ella não se
oppuser o prejuizo superior
ou inferior.

Sobre as imagens e as sensações.

A imagem ou os phantasmas da
imaginação, ~~representam os~~ constituem uma representação dos phenome-
nos sensiveis produzidos pelas sensa-
ções, ainda que com menor intensi-
dade. Pelo que podemos applicar até
certo ponto, ás imagens o que se
refere á qualidade, á intensidade
e ao poder motor ou dynamico
das sensações. Porque os actos da
imaginação se revestem das mesmas
qualidades respectivas.
A allucinação, os sonhos, o
hypnotismo e a suggestão, são
exemplos que nos mostram até
a que ponto pode chegar a
imaginação posta em acção.

Sobre as funcções dos orgãos sensi-
tivos.

As funcções dos orgãos sensitivos
são acompanhadas de contracções
musculares e de sensações destas
mesmas contracções. O mesmo
acontece com as imagens; isto é,
ellas são acompanhadas de movi-
mentos e, não raras vezes, da sensação
destes movimentos produzidos pela
sua acção; como acontece por
exemplo, quando vemos chupar
alguem um limão azedo, ou
nos fallam de cousas que nos
sabem bem ao paladar.
E com mais razão ainda as ima-
gens ou representações, não de um
objecto, senão de um movimento;
porque toda representação de
um movimento, tende a realisar-
se se a ella não nos oppozermos.

Capitulo Sobre a natureza da percepção

A percepção de uma sensação depende da acção de um excitante sobre os orgaos sensitivos. A sensação, portanto, não se pode identificar com a acção deste excitante; porque ella tem um caracteristico que não é nem mechanico, nem physico, nem chimico, nem physiologico, o qual faz lembrar o seu excitante correspondente.
Ora, este caracteristico se designa com o qualificativo de acção psychica ou hyperphysica ou de psychismo inferior.
Porque deduzimos que os sentidos para que possam passar da potencia ao acto, alem deste excitante, tem necessidade de uma disposição ou aptidão psychica, semelhante á que possue habitualmente a intelligencia.
E neste caso, a causa effectiva do exercicio desta aptidão, é o excitante que fazendo passar o orgão sensitivo da potencia ao acto, produz a sensação, provocada pelo excitante sobre o orgão sensitivo.
Resultando daqui, que todas as vezes que esta aptidão psychica se verifica no orgão sensitivo, e a sensação for percebida pelos centros nervosos cerebraes, o processo será completo, ou por outra, a sensação completar-se-ha.
E é devido a esta aptidão psychica que os movimentos vibratorios produzidos pelo excitante, tendem a propagar-se atravez dos nervos centripetos, e que, em chegando aos centros nervosos cerebraes, são transformados na imagem do mesmo objecto ou excitante que os produziram ou provocaram estes movimentos vibratorios.

Sobre a percepção externa.

Ás impressões, em virtude das quaes, o individuo põe-se em contacto com o objecto que sobre elle actuou, da-se o nome de especies impressas, e é por intermedio dellas que o individuo percebe o que ha no objecto capaz de o impressionar materialmente.

Assim é que o nome de percepção externa é adequado á este phenomeno da percepção. Porque o individuo percebe immediatamente por intermedio das especies impressas ou ~~ [illegible]~~ sensitivas, alguma causa no objecto externo que as produzia.

Seguindo-se daqui que não é a acção do objecto sobre o orgão respectivo, nem as vibrações desse orgão, produzidas pelo objecto, que engendram a percepção. As especies impressas ou as vibrações produzidas pelos objectos correspondentes no orgão respectivo, não são, portanto, nem uma imagem nem uma idéia, ~~como são~~ intermediaria, como o são a memoria e a imaginação; mas uma simples condição para que a percepção se realise.

A percepção externa, portanto, é differente da percepção interna ou apercepção, a qual presuppõe uma acção reflexa ou estado de consciencia, em virtude de um conhecimento adquirido, através dos phantasmas da imaginação pelo psychismo superior, por intermedio das especies intelligiveis ou noções correspondentes a idéia.

Pelo psychismo inferior o homem, como o animal, percebem estas impressões por intermedio das vibrações ou especies sensitivas; porem as idéias só elle as percebe pelo psychismo su-

perior, mediante as especies intelligiveis que elle apprehende nos phantasmas da imaginação.
Os anjos, porem, conhecem os corpos sem a percepção propriamente dita, externa ou interna, porque os conhecimentos que elles tem das coisas, elles adquirem pelas especies intelligiveis innatas ou infusas dos objectos sem intermediario algum.

Em summa, na percepção externa, dão-se duas phases. Em primeiro logar, o objecto ou o excitante age sobre o orgão sensitivo. É a phase passiva. Logo, em seguida, esta impressão é percebida pelo individuo. É a phase activa, cujo resultado final, é uma representação do objecto que fica gravada na imaginação, tanto do homem como do animal, e que será, mais tarde, reputada pela memoria e representada pela imaginação.

dições de as receber ou percebel-as.

É esta impressão ou os effeitos desta impressão se verifica tanto na alma como no corpo, ou melhor, no orgão informado pela alma.

A acção, portanto, pode extender-se igualmente a materia e á alma do individuo. Porque a alma e o corpo formam uma só cousa ou substancia.

Pelo que, se a forma animica não fora viva e sensitiva, a sensação não se realisaria ou não seria percebida. Pois, do contrario, o cadaver e os mineraes sentirião quando excitados ou tocados.

A estas impressões, em virtude das quaes o individuo se põe em contacto com o objeto que o impressionou, os antigos davam o nome de especies impressas ou sensitivas.

Sobre a percepção e a estimativa

Em especie de senso intimo, a qual damos o nome de estimativa ou discernimento, e ~~mediante o~~ pelo qual o animal conhece o lhe é util ou nocivo, differe da percepção ~~das qualidades~~ sensivel, como tambem do instincto propriamente dito; porque ella não é o instincto, mas sim uma manifestação do instincto, ~~aquel~~ que designa de um modo generico a determinação ou manifestação de uma inclinação que tem sua origem na natureza do ser, a qual ~~costuma~~ se applicar tanto ás faculdades que inclinam o animal a este ou aquelle objecto, como ás que se referem a percepção ou conhecimento sensitivo das cousas.

E ~~Assim~~ como as percepções sensiveis são acompanhadas de imagens ou representações dos objectos percebidos; assim tambem a estimativa ou conhecimento das cousas uteis ou nocivas, deixam na memoria sensitiva traços que as fazem lembrar mais tarde, os quais ~~constituem~~ representam conhecimentos ~~p~~ adquiridos que vão se associar ou adicionar aos instinctivos naturaes, ~~istos~~ isto é adquiridos antes de qualquer conhecimento ~~ad~~ adquirido pela experiencia propria.

E é por esta razão que o domador de feras, ao mostrar-lhe uma lança de madeira cuja ponta ~~esteja~~ tem a côr rubra, o animal recua, pela lembrança de dôr que experimentou em epochas passadas, quando o domador, fez-lhe sentir as consequencias de uma lança de ferro incandescente. Conhecimento este que elle certamente não ~~conheceria~~ teria, antes que o experimentasse; mas bastou experimentar a primeira vez, para evital-o, porque pela propria experiencia, conhecera o mal

Daqui deduzimos que o conhecimento não é devido a estes movimentos vibratorios; mas sim, á ~~imperfeição~~ uma aptidão psychica que tem os centros nervosos cerebraes de transformal-os em sensações; e que este conhecimento objectivo differe muito dos intellectuaes, ~~porque~~ porque alem de serem immateriaes são reflectidos; ~~Porque~~ pois o homem não só conhece objectivamente, mas ~~alem disto~~ tambem tem conhecimento subjectivo de suas proprias operações. Não acontecendo o mesmo com o animal que por possuir uma alma material não pode reflectir sobre si mesmo nem sobre as suas operações.

Capitulo Sobre a genesis das ideias e da aptidão psychica.

A percepção directa tem por objecto as cousas sensiveis e a apercepção directa ou intellectual, as cousas immateriaes ou insensiveis, como o abstracto e o universal.

Ora, como acima dissemos, não ~~são~~ é nos movimentos vibratorios que vemos ou sentimos; mas sim, mediante a sua acção sobre os centros nervosos ~~[illegible]~~ cerebraes. Assim tambem, não são as especies intelligiveis ou as noções intelligiveis, que percebemos nos phantasmas da imaginação, produzidas pelos seus objectos correspondentes, que constituem a idéa ou percepção intellectual; senão o meio, em virtude do qual, percebemos o abstracto e o immaterial. Mas a percepção não se poderia effectuar se a alma do ser racional, não tivesse a faculdade de reflectir sobre ~~x~~ seus actos. Por outro lado, não podendo a alma por-se em contacto com o mundo

exterior, sem o auxilio dos orgãos sen-
sitivos periphericos; segue-se que deve
haver um orgão central para onde
convergindo todas as excitações parti-
culares, pela aptidão que possue, para
por a alma em condições de poder
ter conhecimento do que se passa
no mundo exterior, como vimos.
A percepção, por conseguinte, revela
a necessidade dessa aptidão psychica,
e entretanto a existencia da mesma,
antes de qualquer percepção exterior,
que, como nos brutos, torna-se necessa-
ria para o conhecimento material
das cousas; assim tambem para o ser
racional, é necessaria para o conhe-
cimento mediato do que se passa no
mundo exterior.
A percepção, portanto, sensivel, é uma
operação hyperphysica; isto é, su-
perior a dos corpos e das substancias
organisadas, como o vegetal.
A percepção intellectual, porem, é
uma operação immaterial superior
á hyperphysica. Porque, alem desta
ultima depender da influencia de uma
mesma alma que preside os phenome-
nos da vida vegetativa, animal e
intellectual; ella tem por objecto o
abstracto e universal: Quando pelo
contrario, a aptidão psychica ou
hyperphysica, tem por objecto o par-
ticular e o concreto.
Não obstante isto, como bem se vê,
a alma tem necessidade do concurso
desta aptidão; assim como esta ultima
tem necessidade dos orgãos periphericos,
tanto no homem como no animal,
para se por em contacto com o mundo
exterior.

tações perspheriças particulares; pela
aptidão que elle possue, passa por
a alma em condições de poder ter
conhecimento do que se passa no
mundo exterior.

A percepção, portanto, revela a neces-
sidade dessa aptidão psychica, e autori-
sa a existencia da mesma antes
de qualquer percepção anterior; a qual
como nos brutos, é necessaria
para acquisição dos conhecimentos
materiaes das cousas; assim tambem
ella é necessaria ao ser racional,
afim de que elle possa adquirir o
conhecimento mediato do que
se passa no mundo exterior pela
percepção intellectual ou apercepção.

A percepção sensivel, é por conse-
guinte, uma operação hyperphy-
sica; isto é, superior a dos cor-
e das substancias organisadas como
o vegetal.

A percepção, porem, intellectual
é uma operação immaterial, su-
perior incomparavelmente a hy-
perphysica. Porque, alem desta ul-
tima depender do influxo de uma
mesma alma, que preside os pheno-
menos da vida vegetativa, animal
e intellectual; ella tem por objecto
o abstracto e universal; isto é, o
immaterial. Pelo contrario, a apti-
dão psychica ou hyperphysica,
tem por objecto o particular e
concreto; isto é, o material.

Não obstante isto, como bem se vê,
a alma tem necessidade do
concurso desta aptidão; assim
como, esta ultima, tem necessi-

-dade dos orgãos periphericos, tanto no homem como no bruto, para se porem em contacto com o mundo exterior.

A séde, onde a sensação se verifica, a encontramos nos orgãos cerebraes, o qual está ligado pelo systema nervoso, aos orgãos periphericos.

E a faculdade, atravez da qual se effectuam as transformações da percepção dos sentidos em apercepções ou idéias, está nos phantasmas da imaginação, nos quaes, pela faculdade que a alma tem, aferre o ideal e immaterial.

E como se vê, tambem uma aptidão psychologica que a intelligencia possue; porem differente da hyperphysica, porque esta é objectiva, e aquella outra reflectida e immaterial.

Capitulo Sobre o senso commum.

O senso commum ou consciencia sensitiva, é uma faculdade differente da memoria e da imaginação.

O senso commum não só percebe as sensações, as reconhece; mas ainda as differencia, as associa e compara com as preadquiridas, cujas imagens ou representações ficaram mais ou menos profundamente gravadas na memoria sensitiva.

O senso commum, portanto, pode ser influenciado tanto pelas impressões vindas de fóra como tambem pelas do psychismo superior; como bem se pela memoria e a imaginação.

Os orgão correspondente ao senso com-
mum é o encephalo ou o systema
cerebro-espinhal, ao qual estam ligados
os centros periphericos pelos nervos sen-
sitivos e os nervos motores.
Atravez dos primeiros chegam aos cen-
tros nervosos as impressões produzidas
nos orgaos respectivos; e, attravez
dos segundos, chegam a peripheria
as reacções produzidas pelos centros ner-
vosos superiores, isto é, pelo cerebro,
sob a acção das impressões dos
objectos correspondentes.

Capitulo   Passagem dos conheci-
mentos sensitivos para os imma-
teriaes.

Como vimos, a percepção
sensitiva tem por objecto o par-
ticular e o concreto, e a percepção
intellectual, tem por objecto, o ~~abs-~~
~~tracto~~ abstracto e universal.
Ora, esta transformação dos conhe-
cimentos materiaes não se realisam
sem o concurso dos centros nervosos
superiores, nos quaes existe uma
especie de juizo, em virtude do qual,
o individuo compara as percepções
preadquiridas ou instinctivas com
as actuaes e percebe alguma cousa. E'
a consciencia sensitiva; sem a
qual os phenomenos da vida de rela-
ção do psychismo superior, não
se realizaria; porque são pelos conhe-
cimentos que a alma tem do que se
passa no psychismo inferior, que
ella chega a conhecer o que se
dá no mundo exterior, ao voltar-se
para os phantasmas da imagina-
ção.

Capitulo   Sobre a percepção imaginaria.

Não tratamos aqui de visões unas produzidas pela imaginação auxiliada pela memoria; mas sim, das que se referem ás allucinações, aos sonhos e ás que se dam no estado de vigilia; porquanto, na percepção imaginaria, o individuo não vê, não sente, mas imagina que vê e sente realmente, como succede no sonho e tambem, algumas vezes, no estado de vigilia.

E é por este motivo que as pessôas medrosas, associando as ideias preadquiridas com as de ladrões e de assassinatos, ás da escuridão e de certos rumores, vêm cousas que só existem na imaginação.

No sonho, apesar de não vermos nem sentirmos realmente, todavia estamos plenamente convencidos que vimos e sentimos. É que, a imaginação pode, de facto, representar-nos não só os objectos correspondentes, vistos e sentidos anteriormente, como se realmente estivessem deante dos nossos sentidos.

E não só durante o somno dam-se estes phenomenos, mas ainda no estado de vigilia; como acontece quando localisamos a dôr em uma dada parte do corpo, não obstante não exister mais esta parte do corpo porque foi amputada.

É uma acção reflexa da imaginação que aliás não perturba o individuo porque elle está em condições de poder conscienciar. Casos ha, 47 porem, que não podemos conscienciar, toma como realidade o que não passa senão de uma illusão ou allucinação.

Capitulo   Sobre a sensação e a consciencia sensitiva.

As reacções dos centros nervosos presuppoem a sensação e a consciencia sensitiva, destas sensações; porque é do reconhecimento da semelhança, entre as sensações do passado e as do presente, que os centros nervosos reagem, dando a conhecer que perceberam, pelas sensações actuaes, o que se passa no mundo exterior.
Ha casos, porem, em que, apesar os centros nervosos reagirem, o individuo não chega a ter consciencia do resultado destas operações ou sensações. E em taes circumstancias, os resultados destas reacções, sob a direcção da imaginação e do automatismo, irá projetar-se nos orgãos correspondentes, tornando o individuo irresponsavel pelos seus actos, visto elle não poder consciencial-os.

A séde onde a sensação se verifica, reside nos orgãos centraes cerebraes, ó qual está ligado pelo systema nervoso aos orgãos periphericos; e a faculdade, atravez da qual, se realisam as transformações da percepção dos sentidos, em apercepções, idéias ou conceitos, encontram-se nos phantasmas da imaginação, nos quaes, pela faculdade que a alma tem, apprehende o immaterial e espiritual.

Capitulo Sobre a consciencia sensitiva e a intellectual.

A consciencia sensitiva ou o senso commum, é a faculdade em virtude da qual, tanto a alma humana como a do bruto, percebem e differenciam as sensações vindas pelos sentidos internos. É uma faculdade, portanto, material, porque como o homem assim tambem os animaes, a possuem.

O objecto da consciencia sensitiva, é duplo; um proprio e directo, isto é, a sensação; e o outro, indirecto e secundario, isto é, os objectos correspondentes á cada um dos orgãos sensitivos.

O orgão da consciencia sensitiva, é o encephalo ou o systema cerebro-espinhal, ao qual estam ligados pelo systema nervoso todos os orgãos sensitivos.

No homem, além da consciencia sensitiva, existe a consciencia intellectual ou reflectida, em virtude da qual; elle tem conhecimento das cousas e dos suas operações. Differe, portanto, da

consciencia sensitiva, porque o ani-
mal tem conhecimento dos objectos,
porem, não pode reflectir sobre estes
conhecimentos, porque a sua
alma, conquanto seja uma sub-
stancia simples, é todavia, ma-
terial.
Assim é que a intelligencia pelo
acto desta consciencia, conhece
não só os seus actos e operações, mas
ainda os da vontade. E é esta
a consciencia chamada psycho-
logica, para a distinguir da
sensitiva ou physiologica.

Capitulo Sobre a consciencia habitual e actual.

A alma humana tem um conheci-
mento habitual do seu corpo, pelo
facto delle lhe estar presente constante-
mente, ainda que implicitamente.
E é devido á esta circumstancia
que ella possue tambem um conhe-
cimento habitual de todas as operações
e modificações produzidas pelos or-
gãos sensitivos. Pois, a alma pelo
tacto passivo do proprio corpo, per-
cebe todas estas modificações, as quaes
são precisamente o que constitue
as operações vitaes.
Assim é que a alma tem um conheci-
mento habitual do corpo que lhe está
presente, e tambem um conhecimento
actual, quando se dá alguma mo-
dificação nos orgãos sensitivos.
Não obstante isto, ella não tem conscien-
cia, propriamente fallando, das ope- 50
rações vitaes, mas sim, um conheci-
mento experimental pelo mesmo facto
do seu corpo lhe estar sempre presente

Sobre a memoria e a imaginação.

A memoria é a faculdade que a alma tem de conservar, lembrar e reconhecer as impressões e os estados de consciencia anteriores adquiridos pela propria experiencia.

A imaginação é a faculdade que a alma tem de conservar, reproduzir e combinar ~~as impressões entre si~~ entre si as imagens das impressões preadquiridas.

A cada sensação corresponde uma imagem, e o poder de as conservar pertence a memoria; assim como o poder de as representar e combinar entre si, compete a imaginação. E é este o caracteristico que distingue a memoria propriamente dita, da imaginação.

Ha varias especies especies de memorias tais como as de fixação ou fidelidade, de conservação e de reproducão.

A memoria, segundo que tem por objecto, o immaterial ~~[illegible]~~ ou o material, se divide em memoria intellectual e sensitiva ou imaginativa. A primeira, é a que conserva as ideias com suas relações immateriaes; a segunda, é a que conserva as imagens com suas relações materiaes e notas caracteristicas.

Ha casos em que o reconhecimento de uma representação ou imagem anteriormente adquirida e a percepção de semelhança com um objecto actual, não constitue, propriamente fallando,

um reconhecimento, senão uma lembrança de um estado de consciencia anterior, suscitado por um objecto actual, devido, muitas vezes, a uma serie de reminiscencias e associações de ideias preadquiridas e armazenadas na memoria sensitiva.) ~~Phen~~

Phenomenos estes, que bem caracterisam a importancia da memoria sensitiva e demonstram a differença entre estas faculdades sensitivas, isto é, entre a memoria e a imaginação.

O reconhecimento, portanto, é a percepção da semelhança entre duas representações; uma actual e outra, do passado.

~~Capitulo~~ Sobre a distincção entre a memoria
a imaginação e os centros nervosos cerebraes.

É necessario admittirmos que, além da
faculdade que recebe as impressões vindas da
peripheria, existem duas outras que
têm a propriedade reter, evocar e reconhe=
cer as impressões ou estados de consciencia
preadquiridos, e uma outra que tem a pro=
priedade de representar e associar essas
mesmas imagens preadquiridas.

Ora, estas faculdades são precisamente a
memoria sensitiva e a imaginação;
as quaes differem dos centros de percepção,
ou cerebraes, porque independentemente
das condições para que estes centros func=
cionem, a memoria e a imaginação
podem conservar-se e manifestar-se.

Portanto, a distincção entre a memoria,
a imaginação e os sentidos tanto in=
ternos como externos, tem sua razão
de ser e negal-a seria ir contra
o senso intimo e os phenomenos
que se referem a estas faculdades.

Daqui deduzimos que a lembrança
das imagens correspondentes aos cinco
sentidos, a percepção do valor das
palavras se localisam fora da es=
phera dos seus orgãos correspondentes.

E o facto de um individuo que pode
repetir todas as palavras que ouve,
porem, muitas vezes, sem comprehen=
del-as no momento, é uma prova
evidente de que a memoria e a
imaginação differem dos centros nervosos
de percepção.

48 37 23 33

Sobre a memoria, o instincto e a estimativa.

O homem e o animal possuem a faculdade de conservar, reproduzir e reconhecer as impressões pre-adquiridas; isto é, a memoria. Esta faculdade, no animal, se identificaria ~~com~~ a do homem, se ~~não~~ a sua ~~vont~~ memoria não estivesse sujeita a direcção da vontade. O instincto, como alguem ja disse, constitue a memoria da especie, e é um impulso natural, que antes de qualquer conhecimento adquirido pela experiencia, colloca o animal em condições de poder ~~dizer~~ discernir o que, por ventura, lhe possa ser util ou nocivo. Ora, este discernimento pressuppõe uma talqual especie de juizo rudimentar, ao qual damos o nome de estimativa. No homem a estimativa é incomparavelmente superior a dos animaes, porque ella participa das qualidades das faculdades intellectuaes. A estimativa não é uma forma, porquanto, no homem, pelo exercicio, pode ser modificada, ampliada e aperfeiçoada; pois, ella não constitue o instincto propriamente dito, mas uma manifestação. Quando guiada pela intelligencia, ella constitue o ponto de partida da vida de relação do psychismo superior ou dos ~~psychol~~ phenomenos psychologicos.

54

Ao instincto do animal alguns dão o nome de intelligencia dos

animaes, juntando este qualificativo, para distinguil-o da intelligencia do homem.

Taes expressões, porem, só n'um sentido muito lato, podemos admittir; porque a faculdade, que, aqui, corresponderia á estimativa, seria a intelligencia, considerada como faculdade de raciocinar. Mas a estimativa é uma faculdade pela qual o animal, instinctivamente, percebe, sem raciocinar, o que lhe é util ou nocivo.

E', portanto, um conhecimento puramente objectivo.

A alma do animal já traz comsigo os elementos do instincto natural ou animal.

Mas o instincto que, para o animal, constitue uma lei fatal; no homem, elle está sujeito á razão e ao poder moderador da vontade.

Sobre a idiogenese.

As ideias tem a sua origem, remotamente, nos phenomenos que caracterisam as operações dos centros nervosos, as quaes representam ~~constituem~~ os productos do psychismo inferior ou sensitivo; e proximamente, nas operações do psychismo superior ou intellectual. Existem, não obstante isto, outros conhecimentos, os quaes, sem o minimo concurso dos sentidos, os adquirimos; como são as noções que possuimos com referencia ao ideial, ao bello, ao perfeito, ao infinito, ao absoluto, ao abstracto e ao universal.

Em tal caso, ~~como dissemos~~ podemos affirmar que taes conhecimentos, como acima dissemos, nos vem, remotamente, pelos sentidos.

Comprehende-se agora porque as creanças que ainda não chegaram ao completo desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes, procedem como os irracionaes levados exclusivamente pelo instincto natural, cuja estimativa, ou raciocinamento, conquanto se pareça com o dos irracionaes; são, todavia, incomparavelmente superiores, porque a sua estimativa participa das qualidades das faculdades intellectuaes, ainda que não bem desenvolvidas.

Comprehende-se tambem aqui porque as pessôas decrepitas, tanto se parecem com as creanças, quanto pelo seu modo de pensar e agir. Porque, 56 por um motivo contrario, tanto o seu psychismo inferior como o superior, se resentem devido

a edade avançada e ao funccionamento anormal destes dous psychismos, principalmente do psychismo superior.
Nelles podemos dizer que o psychismo inferior, maxime, com relação ao instincto da propria conservação individual e da especie, predominam, supplantando as manifestações do psychismo superior.
E quando as perturbações somaticas chegam a comprometter o tonus vital, não raras vezes, os effeitos da vida de relação annullar-se-hão por completo. É a creatura vivirá exclusivamente da vida vegetativa, tal qual como a planta sensitiva que reage, pelo automatismo positivo como se observa nos que se acham em um estado anormal ou melhor nos recem-fallecidos, sob a impressão, maxime, do sentido da audição.
É a lamina do microphone que vibra e transmitte as mais vibrações aos centros, sob a acção de um agente externo, qual é o da vibração produzida pela voz.
Nos quando nenhuma corrente não percorra mais a linha, tudo cessará e o cadaver resolver-se-ha em seus elementos mais simples.

Além do automatismo physico (portanto ou mechanico, existem o physiologico e o psychologico.

O automatismo physico ou mechanico é o que se verifica com os nervos reflexos [illegible] ou com os cadaveres sob a acção da electricidade.

O automatismo physiologico é uma consequencia dos phenomenos que caracterisão a vida organica ou de nutrição.

O automatismo psychicologico é uma consequencia dos phenomenos que se dam na vida de relação, devido a actividade do psychismo superior e inferior e da intima e mutua relação que existe entre elles.

Os phenomenos do automatismo physico e physiologicos, se operão independentemente da vontade, não succede assim com relação aos phenomenos que se referem ao automatismo psychico, porquanto, senão directamente, ao menos obliquamente, elles não passam desapercebidos nem pela consciencia emotora nem pela consciencia intellectual. Isto, no estado normal. Pois ha estados, em que elles passam desappercebidos; e é então quando o individuo age sob o pleno dominio do automatismo tal qual como um apparelho mechanico.

O automatismo psychologico mais ou menos pronunciado se verifica no hypnotismo, na suggestão, no sonho, no somnambulismo, na illusão, na allucinação e na distracção, e em outros estados anormaes.

~~Ao~~ Ao automatismo pela analogia de espontaneidade, podemos

58

Sobre o automatismo. 8

O automatismo se manifesta por movimentos espontaneos e independentes da vontade, os quaes tendem a realisar-se directa ou indirectamente, se não nos oppuzermos, em tempo, a elles.
E é precisamente, em virtude desta faculdade, que temos de oppor-nos á estes movimentos, no estado normal, que encontramos a differença entre o automatismo e o determinismo physico e physiologico; sob o qual, uma vez, que se manifeste, não podemos tão facilmente oppor-nos á elle, summariamente fallando; porque o determinismo physico e physiologico e por conseguinte, o automatismo correspondente, em quanto para influir sobre a vida psychica; pertence, não obstante isto, á vida organica ou vegetativa.
O automatismo pode ser provocado pela representação de ideias, de imagens de objectos, de sensações, de movimentos, de instinctos innatos e adquiridos pela experiencia, cujos vestigios ou imagens permanecem registrados na memoria sensitiva subinconsciente.
Ao conjuncto destes vestigios da-se o nome de engrammas.
Os engrammas, no estado normal, permanecem como que sepultados na memoria latente ou subconsciente, pela fiscalisação da attenção e o poder inhibidor da vontade.
Nos estados, porem, anormaes, elles invadem o campo da consciencia, em virtude das leis da associação das ideias e das imagens; perturbando a vida de relação psychica; como succede com as paixões desordenadas, os máos instinctos vehementes e as grandes emoções.

attribuir o automatismo de coordenação
espontanea das idéias, das imagens, das
sensações, dos movimentos, das attitudes,
dos factos da memoria, da imaginação,
e do bom ou do máo habito, que
se succedem uns aos outros com uma
certa talqual regularidade ou coor-
denação como uma sequencia ou
serie de cartas de um mesmo naipe,
ou matizes de uma mesma côr.
Sequencia que já não se verifica,
quando os orgãos correspondentes,
não funccionam ou funccio-
nam irregularmente, como succe-
de em certas infermidades passagei-
ras ou chronicas.
A coordenação succede então a desor-
dem e a confusão.

Sobre os prazeres 56 47 11

Capitulo — Sobre o appetite sensitivo.

É a propensão em virtude da qual procuramos o bem sensivel e fugimos do mal, por uma necessidade intensiva.

E esta é a razão porque o homem apesar de tender a bemaventurança por uma necessidade tambem intrinseca e por conseguinte, a Deus; todavia, devido a não conhecer a Deus em si, mas em seus effeitos, segundo que considera os seus attributos, pode muitas vezes sentir uma certa tal qual aversão, emquanto que elle castiga justo e na outra vida o peccado, e pelo contrario sentir-se attrahido por elle, emquanto que elle constitue o objecto de nossa bemaventurança ou felicidade eterna.

Se podessemos conhecer a Deus como conhecemos as creaturas, só Deus poderia constituir o unico objecto de nossa felicidade, e para conseguil-o gostosamente sacrificariamos todos os outros objectos que constitue a nossa felicidade relativa; pois, é o conhecimento de alguma cousa que nos faz tender a ella, e quanto mais perfeita é esta cousa, e maior é o conhecimento que della temos, tanto maior e mais intenso e intensivo será o nosso amor e por conseguinte o nosso tender em relação ao objecto que o constitue.

E esta é a razão porque os eleitos comprehensores tende a Deus não só pela intelligencia, mas ainda pela vontade por uma necessidade intensa, porque o vêem de face a face, assim como nós vemos as creaturas, e pelas qualidades que nellas apprehendemos pelos sentidos e a intelligencia, tendemos a ellas, porque neste caso ellas constituem o objecto contingente que no 61 momento é o que pode constituir segundo o nosso modo de pensar o objecto de nossa felicidade, real ou ficticia

O appetite pode ser elicito ou natural, segundo que provem, isto é, da alma e se inclina ao bem pelo conhecimento que tem desse mesmo bem pelo qual ella se sente inclinar; ou por uma inclinação inherente ao ser ainda mesmo sem conhecimento, como succede com os seres incapazes deste conhecimento.

Pelo que o appetite natural não existe na alma como se fora uma qualidade especial; porquanto elle é commum a todas as potencias ou faculdades da alma, pois consiste em certas disposições que inclinam naturalmente o ser ao exercicio de certas operações ou acções inherentes a sua natureza.

O appetite elicito pode ser sensitivo ou intellectual, segundo que procede de um poder das faculdades sensitivas ou intellectuaes.

No appetite sensitivo ha inclinação, porem não ha o conhecimento, em virtude do qual, o appetecivel se torna comprehendido. No intellectual, porem, ou racional, não só existe o pendor, mas ainda o conhecimento, em virtude do qual se percebe que aquelle objecto é ou não consentaneo a natureza racional.

No homem encontram-se estes dous appetites, visto elle, como animal racional, não poder deixar de possuil-os.

O appetite sensitivo, portanto, em geral, é a faculdade pela qual tendemos instinctivamente a alguma cousa com ou sem conhecimento de causa, segundo que o seu objecto é apprehendido pela intelligencia ou pelos sentidos.

Pela intelligencia apprehendemos o que ha de immaterial e universal no objecto; e pelos sentidos, o que ha de particular e concreto. 62

No primeiro caso está tambem incluida a aversão a tudo que não é consentaneo

a natureza racional, isto é, que se oppõe ao bem universal.
Daqui resulta que quando se tende ao mal, não o fazemos senão a se um, senão indirectamente ou accidentalmente; enquanto que tendemos mais ao bem com o qual está unido o mal, do que ao bem que deixa de existir por causa do mal; pois, como bem se. (?) S. Thomaz, o leão matando o cervo, intende a comida, a qual está unida a morte que elle malhina do animal.

Capitulo Sobre as faculdades locomotoras em geral.

É a faculdade pela qual a alma move o corpo de um logar para outro.
Este movimento não podemos attribuir nem só ao corpo nem só a alma; mas ás duas substancias de que se compõe o homem, unidos substancialmente. Porque o corpo, como tal, não pode ser o principio vital; o qual é constituido pela alma unida a elle substancialmente; todavia, se a alma move o corpo que ella vitaliza, não é por si, senão mediante alguma faculdade organica, e por conseguinte ella move o corpo vitalizado pela alma. Ora, esta faculdade pela qual a alma move o corpo, é uma faculdade organica; porque para mover o corpo, ella opera fora de si; porque, estando unida ao corpo, não pode agir sobre as causas externas, senão mediante o corpo que ella vitalizou. Pelo que affirmamos que a faculdade locomotiva deve ser classificada entre as faculdades (organicas) d'alma. Não obstante isto, não por si, mas conjunctamente com o corpo, é o principio dos movimentos locaes. 63

Capitulo Sobre a natureza da faculdade locomotiva.

Os actos da faculdade locomotiva presuppõem um previo conhecimento, em virtude do qual, a vontade tende ao seu objecto correspondente. Ora, este conhecimento pode ser adquirido pela estimativa ou a intelligencia.

Ora, a intelligencia, a estimativa e o appetite, são principios, em virtude dos quaes, a força motriz inclina-se aos seus actos; porem, não são principios, em virtude dos quaes, os seus actos são exercidos; porque os movimentos locaes, são determinados pela intelligencia, a estimativa ou pelo appetite, mas não se realisão; pois, a potencia ou faculdade que exerce aquelles movimentos, é aquella pela qual os orgãos se tornam aptos a obedecer ao appetite ou inclinação natural. E esta faculdade que produz o movimento, é o que damos o nome de potencia ou faculdade locomotriz ou locomotora. Porquanto potencia é o immediato principio das acções; e principio immediato, é aquelle pelo qual as acções se realisam, e não por aquillo pelo qual estas acções são informadas.

Capitulo — Differença entre a intelligencia e os sentidos.

A intelligencia, pelo facto de ser uma faculdade inorganica, differe das faculdades sensitivas, cujo objecto é material, visto ella ser uma faculdade organica. A intelligencia, pois, tem por objecto o abstracto e universal, isto é, o immaterial e os sentidos, o particular e concreto, isto é, o material.

E' verdade que a intelligencia, sobre os dados fornecidos pelos sentidos, atravez dos phantasmas da imaginação, attinge o seu objectivo; mas esta transição das impressões objectivas para percepções mentaes, não constitue uma transmutação das sensações em ideias ou conceitos, porquanto a attenção, o juizo, o raciocinio e outras faculdades congeneres, presuppoem uma força activa differente da que apresentam os sentidos, que á semelhança de uma força viva actua sobre um dado ponto. Dizemos á semelhança de uma força viva, não já porque a alma seja uma força viva semelhante ás forças physicas, pois, essa força á qual se attribue a elaboração feita pela intelligencia, das sensações em ideias ou conceitos, reside na alma, ou por outra, é a mesma alma.

Capitulo Sobre a psychologia
e a anthropologia.

A psychologia propriamente fallando, tem por objecto o estudo da alma e de suas faculdades; a anthropologia, porem, vae mais longe; porque, além do proprio objecto - o homem, ella estuda - o homem com relação a parte animal, vegetativa e a mutua e intima ligação que existe entre as suas substancias de que se compõe o homem; isto é, com referencia a vida de relação entre o psychismo superior e o inferior e os seus orgãos correspondentes; isto é, á vida animal e intellectual.

Tanto no animal como no homem, o processo em virtude do qual o psychismo inferior põe-se em relação com o mundo exterior, é o mesmo; isto é, a impressão do orgão excita a sensação, isto é, a percepção objectiva, a qual no homem, pelo concurso dos phantasmas da imaginação se reduz ou se origina á percepção mental, isto é, a idéia ou conceito. E segundo que o objecto é conveniente ou não á natureza racional ou animal, elle é approvado ou repellido, pelo instincto natural ou a intelligencia.

Ha portanto, neste processo psychico duas phases. Na primeira a impressão é transformada em sensação ou percepção e na segunda esta percepção se origina a percepção
mental, primeiro passo para as 66
manifestações da vida de relação psychologica propriamente dita, na qual consiste a vida de relação psychica ou instrumentaria á